

CAPÍTULO I

“Apressai-vos para o casamento”

Cortejada, casada e...

“Edith!”, disse Margaret, com gentileza, “Edith!”

Mas, como Margaret já suspeitava, Edith adormecera. Tinha-se enroscado no sofá da sala de visitas das traseiras, na casa em Harley Street, mostrando-se adorável no seu vestido de musselina branca e com as suas fitas azuis. Se alguma vez Titania se tivesse vestido com musselina branca e fitas azuis, e se tivesse adormecido num sofá de damasco em tons de carmesim numa sala de visitas das traseiras, confundir-se-ia por certo com Edith. Margaret voltava a espantar-se com a beleza da sua prima. Tinham crescido juntas, desde crianças, e desde sempre Edith havia sido por todos notada pelo seu encanto, exceto por Margaret; mas Margaret nunca tinha pensado nisto até há poucos dias, quando a perspectiva de se afastar em breve da sua companheira parecia atribuir uma nova força a cada doce qualidade e a cada encanto que Edith possuía. Tinham estado a conversar sobre vestidos de casamento, sobre cerimónias de casamento, sobre o capitão Lennox e sobre o que este tinha dito a Edith acerca da vida que partilhariam em Corfu, onde agora o regimento dele se encontrava; sobre a dificuldade em manter um piano bem afinado (dificuldade que Edith parecia considerar uma das mais terríveis que poderiam decorrer na sua vida conjugal), e acerca dos vestidos que ela preferiria nas suas viagens à Escócia, e que teriam lugar imediatamente após o seu casamento; mas o tom sussurrado da conversa tornara-se mais lânguido; e Margaret descobriu, como aliás já calculava, após alguns minutos, que Edith, apesar do ruído que vinha da sala ao lado, se tinha enroscado toda até se assemelhar a uma bola muito leve de musselina, de fitas e de sedosos anéis de cabelo, e caído numa curta e tranquila sesta após o jantar.

Margaret estava prestes a contar à sua prima alguns dos planos e ideias que ponderava quanto à sua vida futura no presbitério na província, onde a sua mãe e o seu pai viviam, e onde sempre passara as suas luminosas férias, ainda que nos últimos dez anos tivesse considerado a casa da tia Shaw como o seu lar. Mas, à falta de uma ouvinte, tinha de matutar acerca da mudança na sua vida tão silenciosamente como outrora. Tratava-se de um matutar satisfeito, ainda que com uns laivos de tristeza por se imaginar separada por um tempo indefinido da sua afável tia e da sua querida prima. Enquanto pensava na felicidade que seria ocupar a importante posição de única filha no presbitério de Helstone, chegaram aos seus ouvidos algumas partes da conversa na sala ao lado. A tia Shaw estava a conversar com as cinco ou seis senhoras que tinham jantado na sua companhia, e cujos maridos ainda ocupavam a sala de jantar. Eram as visitas habituais lá de casa, vizinhos a quem a Sra. Shaw chamava amigos, isto porque acontecia jantar com eles com uma maior frequência do que com quaisquer outras pessoas, e também porque se ela ou Edith precisassem de alguma coisa deles, ou eles de alguma coisa dela, não sentiriam a menor hesitação em visitar a casa uns dos outros um pouco antes da hora do almoço. Estas senhoras e os respetivos maridos tinham sido convidados, na sua qualidade de amigos, para se juntarem num jantar de despedida em honra do casamento vindouro de Edith. Por sua vez, Edith tinha-se oposto em grande medida a estes preparativos, já que o capitão Lennox era esperado nessa mesma noite, regressando num comboio tardio; mas, ainda que tivesse sido uma criança mimada, Edith era demasiado negligente e preguiçosa para ter uma vontade própria muito vincada, e acabou por ceder quando deu conta de que a sua mãe tinha encomendado aquelas delícias especiais da estação que são geralmente muito eficazes contra um sofrimento imoderado, propício nos jantares de despedida. Edith contentara-se em recostar-se na sua cadeira, somente brincando com a comida que tinha no prato e assumindo uma expressão solene e ausente, enquanto todos à sua volta iam apreciando os ditos espirituosos do Sr. Grey, o cavalheiro que ficava sempre à cabeceira da mesa nos jantares da Sra. Shaw e que tinha pedido a Edith para lhes tocar um pouco de música na sala de visitas. O Sr. Grey esteve especialmente afável durante este jantar de despedida, e os cavalheiros permaneceram no andar de baixo mais tempo do que era habitual. E fizeram eles muito bem, a julgar pelos fragmentos da conversa que Margaret ouviu por acaso.

“Eu própria sofri demasiado; não que não me sentisse extremamente feliz com o meu pobre e querido general, mas, de facto, a diferença de idades é um inconveniente, algo que eu tinha decidido que Edith jamais teria de enfrentar. Claro que, e digo isto sem qualquer parcialidade maternal, tinha previsto que a adorável criança viesse a casar cedo; na verdade,

dizia muitas vezes com toda a certeza que ela estaria casada antes de completar os dezanove. Tive uma sensação profética quando o capitão Lennox” — e aqui o tom da sua voz desceu até ficar somente um sussurro, ainda que Margaret tivesse conseguido colmatar facilmente a lacuna. No caso de Edith, o rumo do verdadeiro amor mostrara-se extraordinariamente pacífico. A Sra. Shaw tinha concedido um lugar ao seu pressentimento, como ela mesma dissera, e insistido bastante na realização do casamento, ainda que fosse abaixo das expectativas que muitos dos pretendentes de Edith tinham projetado para o seu caso, sendo ela uma jovem e atraente herdeira. Mas a Sra. Shaw afirmou que a sua única filha só casaria por amor, e depois suspirou de um modo enfático, como se o amor não tivesse constituído o motivo para se ter casado com o general. A Sra. Shaw apreciava muito mais o aspeto romântico do noivado em questão do que a sua filha. Não que Edith não estivesse profunda e verdadeiramente apaixonada; ainda assim, preferiria por certo uma residência de qualidade em Belgravia ao caráter mais pitoresco do estilo de vida que o capitão descrevera ao falar de Corfu. Edith fingia estremecer e arrepiar-se exatamente com as mesmas partes da descrição que faziam Margaret ruborizar-se quando as escutava; Edith fazia isto, em parte, pelo prazer que sentia em ser aliciada pelo seu querido amante a abandonar o seu descontentamento, e em parte porque qualquer coisa que se relacionasse com uma vida de boémia ou de improviso lhe era verdadeiramente desagradável. Ainda assim, e mesmo que alguém surgisse na sua vida com a promessa tentadora de uma bela casa, uma excelente propriedade e um pomposo título de que pudesse tirar proveito, Edith continuaria a manter-se fiel ao capitão Lennox durante todo o tempo em que essa tentação durasse; quando se dissipasse, é possível que ela acabasse por ter algumas pequenas dúvidas resultantes de um sentimento de tristeza mal disfarçada por o capitão Lennox não conseguir reunir na sua pessoa todas as particularidades que seriam desejáveis. Nesse aspeto, Edith era tal e qual a sua mãe, que, depois de ter casado diligentemente com o general Shaw, com nenhum outro sentimento mais caloroso que não fosse o de respeito perante o caráter e a situação social dele, lamentava constantemente, embora de um modo reservado, o fardo pesado que carregava por se ter casado com uma pessoa que não conseguia amar.

“Não olhei a despesas quanto ao seu enxoval”, foram as palavras seguintes que Margaret pôde ouvir. “Tem todos aqueles belíssimos xailes e lenços indianos que o general me deu, mas que nunca mais irei usar.”

“É uma rapariga de sorte”, respondeu uma outra voz, que Margaret sabia ser a da Sra. Gibson, uma senhora que tinha um interesse redobrado pela conversa, já que uma das suas filhas tinha casado há poucas semanas. “A Helen queria muito ter um xaile indiano, mas, na verdade, quando me

disseram o preço exorbitante que pediam, vi-me obrigada a não lhe fazer a vontade. Irá ficar por certo muito invejosa quando souber que a Edith tem xailes indianos. De que género são? Dos de Deli? Com aquelas franjinhas amorosas?”

Margaret voltou a ouvir a voz da tia, mas desta vez era como se ela se tivesse erguido da sua posição meio reclinada e estivesse agora à espreita na sala de visitas das traseiras, que estava menos iluminada. “Edith! Edith!”, exclamava a tia; e depois voltou a afundar-se no seu lugar, como se esgotada pelo esforço. Margaret aproximou-se.

“A Edith está a dormir, tia Shaw. É alguma coisa que eu possa fazer?”

Todas as senhoras disseram ao mesmo tempo, “Coitadinha!”, ao tomarem conhecimento desta informação desoladora acerca de Edith; e o minúsculo cãozinho de colo, que estava nos braços da Sra. Shaw, começou a ladrar, como se excitado com esta explosão de piedade.

“Chiu, *Tiny!*, sua menina malcomportada! Assim vais acordar a tua dona. Era só para perguntar à Edith se ela pedia à Newton que trouxesse até aqui os xailes: talvez pudesses ir tu lá, querida Margaret?”

Margaret subiu ao antigo quarto das crianças, no cimo da casa, onde Newton se mantinha ocupada a arranjar algumas rendas que seriam necessárias para o casamento. Quando Newton se pôs a desembulhar os xailes, não sem um resmungo feroz, pois já era a quarta ou quinta vez que naquele dia os mostrava, Margaret ficou a olhar em redor o interior do quarto. Tinha sido o primeiro quarto naquela casa com que ela se familiarizara, há nove anos, quando a trouxeram, toda bravia do bosque, para partilhar a casa, as brincadeiras e as lições com a sua prima Edith. Lembrou-se do aspeto escuro e sombrio do quarto de crianças em Londres, dirigido por uma ama austera e cerimoniosa que era terrivelmente exigente no que respeitava a mãos limpas e batas com rasgões. Recordou-se da primeira vez que tomara chá ali — longe do seu pai e da sua tia, que jantavam algures lá em baixo, nas infinitas profundezas a que as escadas conduziam, pois, a não ser que ela estivesse no céu (assim pensava a criança), eles deviam estar mesmo no fundo das entranhas da terra. Lá em casa (antes de Margaret ter ido morar para Harley Street), o quarto de vestir da sua mãe servira como quarto das crianças. Como tinham hábitos madrugadores no presbitério da província, Margaret habituara-se a partilhar a hora das refeições com o seu pai e a sua mãe. Oh! Como a alta e robusta rapariga de dezoito anos feitos se recordava tão bem das lágrimas derramadas com tamanho e descontrolado sentimento de tristeza pela menina de nove, quando esta foi esconder o rosto debaixo da roupa da cama nessa primeira noite; e de como a ama a mandou parar com a choradeira, pois iria perturbar a Menina Edith; e de como ela tinha depois chorado amargamente, ainda que de um modo silencioso, até a sua distinta e bonita tia,

que vira ainda há pouco, subir mansamente ao quarto com o Sr. Hale para lhe mostrar a sua filhota adormecida. Então, a pequena Margaret sossegara os soluços de choro e tentara permanecer quieta, como se estivesse a dormir, com receio de que a sua dor deixasse o pai combalido, dor essa que ela não se atrevia a expressar perante a tia e que considerava, afinal de contas, imprópria, depois de todos os planeamentos, projeções e expectativas que tinham entretido em casa, em família, antes que o seu guarda-roupa pudesse ser devidamente preparado para as grandiosas circunstâncias que a esperariam, e antes que o papá pudesse deixar a sua paróquia, pelo menos por alguns dias, para poder visitá-la em Londres.

Margaret achava-se agora a adorar o velho quarto das crianças, ainda que o mesmo não passasse agora de um quarto desarranjado; e continuava a olhar em redor, com uma espécie de pesar felino, pensando na ideia de daí a três dias ter de abandoná-lo para sempre.

“Ah, Newton!”, disse. “Acho que iremos ficar muito tristes por termos de abandonar este velho quarto.”

“Eu cá não, menina. Na verdade, os meus olhos já não são o que eram, e a luz aqui é tão má que não consigo ver o suficiente para remendar as rendas, a não ser quando me ponho à janela, por onde passa sempre uma corrente de ar terrível, o suficiente para que uma pessoa morra de frio.”

“Bom, parece-me que irás ter luz e calor suficientes em Nápoles. Até lá, terás de preservar as tuas habilidades de cerzidura. Obrigada, Newton, eu posso levá-los até lá abaixo, tu estás ocupada.”

Então, Margaret desceu as escadas carregada de xailes, aspirando o seu aroma apimentado e oriental. Depois, a sua tia pediu-lhe que ficasse quieta, como uma espécie de silhueta móvel, sobre a qual ela pudesse dispor os xailes, já que Edith ainda estava a dormir. Ninguém imaginaria, mas a figura alta e bem-feita de Margaret, num vestido negro de seda que ela ainda usava pelo luto respeitante a um familiar distante da parte do seu pai, fez realçar as longas e bonitas dobras dos xailes deslumbrantes que teriam, pelo menos em parte, apagado a figura de Edith. Margaret ficou quieta, mesmo debaixo do lustre da sala, muito silenciosa e passiva, enquanto a sua tia ia ajustando os drapeados. De quando em vez, ao virar-se, Margaret via de relance a sua figura no espelho que se encontrava sobre a lareira, e sorria perante a sua aparição ali — os traços que lhe eram familiares no traje costumeiro de uma princesa. Tocava suavemente nos xailes que a cobriam, procurando o máximo de prazer ao sentir o toque macio e as cores brilhantes dos tecidos, e pensava como gostaria de poder vestir-se com todo aquele esplendor, apreciando tudo como faria uma criança, com um sorriso recatado de satisfação no rosto. Logo nessa altura, a porta entreabriu-se e anunciaram bruscamente a chegada do Sr. Henry Lennox. Algumas das senhoras sobressaltaram-se, como se

tivessem ficado envergonhadas pelo seu interesse feminino no vestuário. A Sra. Shaw estendeu a mão ao recém-chegado; Margaret manteve-se absolutamente quieta, a pensar que talvez a sua presença fosse necessária para ocultar os xailes, mas depois olhou para o Sr. Lennox com um rosto luminoso e divertido, como se tivesse reconhecido a compreensão dele perante a sensação de absurdo que a acometera ao ter sido surpreendida deste modo.

A sua tia estava muito empenhada em perguntar ao Sr. Henry Lennox (que não tinha conseguido comparecer no jantar) todo o género de questões relacionadas com o irmão deste, que era o noivo, e com a sua irmã, que era a dama de honor (e que tinha viajado de propósito da Escócia com o capitão para a ocasião), e outras a propósito de vários membros da família Lennox. Margaret percebeu que a sua presença como suporte de xailes já não era requisitada, por isso dedicou-se ao entretenimento das outras visitas, que a sua tia tinha momentaneamente esquecido. Edith apareceu quase logo a seguir, vinda do quarto de visitas das traseiras, a pestanejar muito face àquela luz mais intensa, atirando para trás os seus caracóis desgrenhados, e no geral assemelhando-se a uma Bela Adormecida que tivesse acordado estremunhada dos seus sonhos. Mesmo durante o seu descanso, ela sentira instintivamente que a presença de um Lennox era merecedora do esforço de se levantar, e além disso tinha um sem-número de perguntas para lhe fazer acerca da querida Janet, a sua futura (e ainda desconhecida) cunhada, por quem tinha confessado tanta afeição que Margaret, se não fosse tão orgulhosa como de facto era, poderia ter sentido ciúmes da sua adversária exponencial. Enquanto Margaret ia deslizando a pouco e pouco para segundo plano e a sua tia tomava um lugar preponderante na conversa, reparou que Henry Lennox apontava o olhar para um lugar vago ao pé dela; e sabia muito bem que, assim que Edith o libertasse do interrogatório que lhe estava a fazer, ele iria tomar posse daquela cadeira. Não havia estado muito certa, de acordo com o relato bastante confuso da sua tia sobre os compromissos dele, de que ele iria visitá-los naquela noite; tinha sido quase uma surpresa encontrá-lo ali, e agora tinha a certeza de que aquele seria um serão agradável. Ele gostava das mesmas coisas que ela gostava, com poucas exceções. O rosto de Margaret iluminou-se, exibindo um brilho evidente e genuíno. Ele foi-se aproximando aos poucos. Ela recebeu-o com um sorriso que não mostrava qualquer traço de timidez ou de inibição.

“Bom, suponho que estejam totalmente embrenhadas nas profundezas dos vossos assuntos — assuntos de senhoras, quero eu dizer. Muito diferentes dos meus assuntos, que na verdade constituem o verdadeiro ofício da Lei. Brincar com xailes é um ofício bastante diferente do dos acordos jurídicos.”